

Uma política utópica dos afetos para lançar no espaço sideral

Laura de Souza Zingra Vomero
Psicodramatista Didata. Viver Mais Psicologia - laurazvomero@gmail.com

Não tenho relações de proximidade e intimidade com pessoas da comissão científica.

Este ensaio surgiu de emoções e questionamentos suscitados pelo filme "Bacurau" (2019) através do psicodrama e de percepções sensoriais. Critica políticas de morte ligadas à branquitude e à cisgeneridade, buscando afirmar a maneira de amar e de viver o próprio corpo.

EXPLOSÃO IMINENTE

Este ensaio surge de um nó no estômago, uma urgência premente de expressão após assistir algumas vezes ao filme 'Bacurau' (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, e ser envolvida por intensos questionamentos através das lentes do psicodrama e das possíveis percepções sensoriais dessa obra. O desconforto experimentado se torna a matéria-prima desta reflexão, uma estrada noturna de introspecção e criação, na qual as palavras se juntam como um meio de contribuir para a vasta rede de corpos que compõem esse tecido social e que caminham na direção contracolonial.

É como se eu vomitasse palavras na tentativa de encontrar uma saída para esse desconforto, transformando-o em algo que possa ser compreendido e compartilhado. Mas não há saída, nem completa compreensão; há luta e conflito, mas também há alegria e destruição de sentidos. Este incômodo, longe de ser evitado, emerge do âmago do corpo, trazendo consigo uma fonte de vitalidade, mas também uma certa dose de pessimismo. Ele me desafia a pensar, a questionar, a sair do estado de complacência e a reconhecer as contradições que permeiam nossa existência.

Seria mais fácil escrever sobre diagnósticos, casos clínicos bem-sucedidos, ansiedade, depressão - não desmerecendo essas áreas importantes da psicologia. No entanto, há vezes agonizantes que muitas vezes são ignoradas ou até mesmo silenciadas com desculpas como: ‘eu fui mal interpretada/o’, ‘isso não é racismo’, ‘a bissexualidade é uma confusão’. Mas como a má interpretação se relaciona com o fato de que, a cada quatro horas, uma pessoa negra é morta por policiais¹ no Brasil? Como a má interpretação pode explicar algo, quando a polícia militar confunde um guarda-chuva com um fuzil e dispara contra a vida de um jovem negro²? Alguém saberia me responder onde está o real erro de interpretação? Por isso, assumo meu papel ético-político como psicóloga. Estou aqui, buscando formas de denunciar o cisheteroterrorismo³ e o racismo em nossa práxis e na sociedade em geral. Sei muito bem que não sou bem-vinda em muitos espaços, mas é recíproco: também não quero estar neles. Essa reciprocidade faz-me lembrar de onde mora o afeto e onde desejo estar. No entanto, em alguns momentos, fui obrigada a caminhar pelos becos e frestas, nas rachaduras onde acionamos nossas bombas incendiárias em forma de prosa, pesquisa, arte e poesia.

A arte de escrever, nesse contexto, revela-se como uma ferramenta para canalizar esse desconforto, não estou buscando oferecer soluções ou respostas fechadas. São palavras-combustível para contribuir com a grande explosão que desejamos da política de morte e da fome, visando a criação de algo novo, que possa provocar e instigar. Que possamos ser.

Que mundo queremos? Eu quero ver esse mundo-universal pegando fogo. ‘Do mal será queimada a semente, o amor será eterno novamente’⁴.

BACURAU A 17 KM – SE FOR, VÁ NA PAZ

Essa mensagem não apenas orienta a rota que será traçada por uma estrada de terra repleta de buracos, com cenários de escola abandonada e caixões espalhados ao longo do caminho devido a um acidente envolvendo um caminhão funerário e um motoqueiro, mas também revela como destino o Brasil, cujo senso de direção é guiado pela bússola da

¹ Uma pessoa negra foi morta pela polícia a cada 4 horas em oito estados do país no ano passado, diz pesquisa - <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/16/uma-pessoa-negra-foi-morta-pela-policia-a-cada-4-horas-em-oito-estados-do-pais-no-ano-passado-diz-pesquisa.ghtml>

² PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas - https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html

³ Cisheteroterrorismo é uma forma de violência anti-queer, caracterizada pelo terrorismo heterossexual e por ações que defendem normas binárias de gênero, promovendo a cisgeneridade como padrão de inteligibilidade social, política e jurídica (Aguiar, 2020).

⁴ Essa frase é da música “Juízo Final”, composta por Nelson do Cavaquinho (1973) e amplamente reconhecida na interpretação de Clara Nunes.

necropolítica (MBEMBE, 2018). Esta estrada torna-se assim uma metáfora das marcas deixadas pela política de morte, evidenciando um cenário de sucateamento da educação, desolação e corpos caídos sem vida ao longo do caminho.

Com sua atmosfera anacrônica, Bacurau, lançado em 2019, em meio ao auge de um governo fascista, retrata o Brasil em uma narrativa que transcende o tempo e o espaço, abarcando o passado, o presente e o futuro do país. O filme emerge como um símbolo de resistência contra o colonialismo e as conservas coloniais presentes na contemporaneidade (VOMERO, 2022; VOMERO e NERY, 2023). A morte de ‘Dona Carmelita’, interpretada por Lia de Itamaracá, nos mostra a resistência cultural e artística que atravessa a tela audiovisual, especialmente quando se considera o fato de que Lia é reconhecida como Patrimônio Vivo de Pernambuco. Tanto Lia quanto ‘Carmelita’ são consagradas como verdadeiras líderes políticas de suas comunidades, uma representando o Brasil e a outra Bacurau. Essa conexão entre o Brasil e Bacurau também se torna evidente quando ‘Plínio’, interpretado por Wilson Rabelo, filho de ‘Carmelita’, presta homenagens à sua falecida mãe:

Carmelita teve filho, neto, bisneto, tataraneto, afilhado, teve muitos amigos. Na família, tem de pedreiro a cientista, tem professor a médico, arquiteto, michê e puta. Agora, ladrão ela não gerou nenhum. Tem gente em São Paulo, Europa e Estados Unidos, tem gente na Bahia, Minas Gerais e Recife... Muita gente não conseguiu vir hoje aqui por causa dos problemas na nossa região, mas muita gente manda ajuda pra gente, muita gente manda ajuda pra Bacurau, e essa é a maior prova de que Carmelita e Bacurau estão em todos eles (MENDONÇA FILHO, 2020, pp. 231-232).

Essa potente fala do personagem ressoa a ideia de que, mesmo quando corpos marginalizados são insultados ou destroçados, ninguém, jamais, poderá exterminar as guardiãs subterrâneas. ‘Carmelita’, abraçada por sua ancestralidade, se transforma em semente, multiplicando-se e nutrindo sua descendência para enfrentar o desencorajamento da espontaneidade-criatividade nas relações de poder. ‘Carmelita’⁵ está presente em mim, em você e em nós. Naquelas e naqueles que desviam da norma e resistem às políticas de morte da branquitude, da cisgeneridade e do fundamentalismo religioso judaico-cristão.

Bacurau, uma pequena cidade situada a oeste de Pernambuco, está à margem do Brasil, à semelhança do nosso país em relação aos países colonizadores, como parte do eixo sul global.

⁵ No curta-metragem “Recife Frio” (2009), de Kleber Mendonça Filho, novamente Lia de Itamaracá aparece como símbolo de resistência, cantando “Minha ciranda não é minha só / Ela é de todos nós, ela é de todos nós / A melodia principal quem guia/ É a primeira voz, é a primeira voz / Para se dançar ciranda / Juntamos mão com mão / Formando uma roda / Cantando uma canção.

Ambos, Bacurau e Brasil, estão fora do centro, porém são territórios essenciais para a manutenção do capitalismo, do racismo e da ordem econômica escravagista atualizada na contemporaneidade. Essa relação de superioridade-inferioridade se evidencia na cena em que os ‘Forasteiros’ (cujo nome do grupo diverge daquele do roteiro de Mendonça Filho, no filme são chamados de *Cowboys*) encontram-se com o grupo de *Bandoleiros Shocks*, dos Estados Unidos, em uma fazenda próxima ao vilarejo de Bacurau.

Os ‘Forasteiros’, um homem cis branco paulista e uma mulher cis branca carioca, estão envolvidos na missão de exterminar a cidade de Bacurau. Durante uma reunião ocorrida neste encontro, na sala da casa-grande, surge uma reflexão dos ‘Estrangeiros’ sobre se as pessoas que os ‘Forasteiros’ mataram eram conhecidas ou amigas deles. O ‘Forasteiro’, surpreendido e tentando causar uma impressão mais significativa, mente sobre sua origem e responde: “[...] não atiramos em amigos no Brasil... Não somos dessa região. A gente é do sul do Brasil. Uma região muito rica. Com colônias alemãs e italianas. Somos mais como vocês” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 269).

Os estadunidenses ridicularizam os brasileiros, e um deles comenta: "Mas como nós? Nós somos brancos. Vocês não são brancos" (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 269). Em seguida, eles continuam com práticas racistas, menosprezando-os ao afirmar que os ‘Forasteiros’ se parecem mais com mexicanos, poloneses ou latinos do que com brancos.

As interações entre os personagens brasileiros e estrangeiros na cena destacam as tensões e complexidades das relações de poder e raciais entre o Brasil e outros países, especialmente no contexto da dominação cultural e econômica. De acordo com a pesquisadora e psicóloga Lia Vainer Schucman (2012), a categoria de raça está intrinsicamente ligada ao poder e às hierarquias, e a classificação de cada pessoa pode variar dependendo da história e dos significados atribuídos a cada grupo em diferentes partes do mundo. Os ‘Forasteiros’ parecem ter esquecido que residem no eixo sul global e que, apesar de pertencerem à branquitude brasileira, não são considerados como parte da branquitude dos países europeus ou dos Estados Unidos. Na mesma cena, os brasileiros foram mortos a tiros, e os ‘Estrangeiros’ que os mataram marcaram pontos, da mesma forma quando assassinam os habitantes de Bacurau. Enquanto os ‘Forasteiros’ se consideravam superiores aos moradores do pequeno vilarejo, para os ‘Estrangeiros’, todos eram iguais: brasileiros, latinos e não-brancos.

Essa política de morte pode nos remeter à influência da eugenia no pensamento social brasileiro e estadunidense, operando como uma conserva colonial (VOMERO, 2022) que promove a eliminação ou marginalização de existências consideradas indesejáveis. Segundo

Goés (2015), apesar da eugenia ter sido originada na Europa, os Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX, foi um ambiente propício para sua disseminação e aceitação, influenciados por fatores históricos, sociais e políticos. Isso inclui o racismo institucionalizado e a preocupação com a imigração em massa. O propósito do projeto era estabelecer uma ‘suposta raça’ superior branca, loira e de olhos azuis, eliminando quem não se encaixava nesse padrão. Isso incluía pessoas com deficiência física e mental, pacientes psiquiátricos, criminosos, pobres e qualquer um considerado desviante (GOÉS, 2015).

AINDA ESTOU SOZINHO, APAIXONADO: EUGENIA, RACISMO E ANTISSEMISTISMO

No livro *Quem Sobreviverá?*, Moreno, no último subcapítulo, intitulado *O subpovoamento do universo*, discute brevemente as diferenças entre a eugenia e o método sociométrico (MORENO, 2008). Ele destaca a importância de realizar estudos mais aprofundados sobre os marcadores eugênicos para validar tal perspectiva, em vez de adotar uma posição definitiva a favor ou contra a essa suposta teoria.

Francis Galton propôs a eugenia, “para favorecer ou melhorar as qualidades inatas das futuras gerações”. Eu proponho a sociogenia, “para estudar e preparar as condições do universo, a fim de que todos possam viver e que ninguém seja impedido de nascer” (Moreno, 2008, pg. 347).

O criador do psicodrama levanta a questão do ‘capitalismo biológico’, criticando as interferências manipuladas que determinam como e quando crianças podem nascer; nesse contexto, ele introduz a ideia de sociogenia como uma alternativa à eugenia. A sociogenia seria voltada para estudar e preparar as condições do universo para garantir que todas/es/os tenham a oportunidade de viver e que ninguém seja impedido de nascer. Neste sentido, a sociogenia parece se concentrar mais nas condições sociais e ambientais que afetam a ‘raça humana’ como um todo, buscando garantir um ambiente pautado na justiça social e no bem-estar coletivo.

‘Raça humana’ está entre aspas por alguns motivos. Em primeiro lugar, essa designação foi retirada dos escritos de Moreno (2008). Além disso, discordo veementemente da forma como ele a aborda em seu texto, pois nos leva a um lugar ausente de críticas. Isso poderia perpetuar a ideia de uma suposta democracia racial e nos levar, como psicodramatistas, a contribuir para a manutenção da ordem estabelecida. Outra razão para as aspas, agora respaldada pelas contribuições do pesquisador e professor Kablengue Munanga (2004), é o conhecimento de que,

biologicamente e cientificamente, as raças não existem. Elas permanecem como uma construção sociológica e política, uma categoria social de exclusão e dominação, persistindo no imaginário coletivo e sendo utilizadas para reproduzir e sustentar os racismos populares. Munanga também argumenta que marcadores genéticos podem ser compartilhados entre raças, e indivíduos de uma mesma raça podem ter distâncias genéticas maiores do que aqueles de raças diferentes. Isso leva à conclusão de que, biologicamente, as raças não são uma realidade, mas sim um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana.

Quando Moreno (2008) propõe o princípio da democracia sociométrica e sociogênica, ele não faz referência, em nenhum momento, à defesa de uma equidade racial. Em vez disso, ele prefere destacar a valorização da existência, tanto dos não nascidos quanto dos vivos e dos mortos. No entanto, o que o teórico deixou de demarcar foi que a discussão em questão não se limitava a isso. Tratava-se, na verdade, de decidir quais pessoas teriam o direito ou não de nascer ou de se manterem vivas. E isso estava muito bem descrito nas pesquisas de teóricos brevemente citados por Moreno (2008), como Malthus⁶, Galton⁷ e Lineu⁸.

Não podemos conceber a utopia sem questionar o *status quo*. Esses pseudo-teóricos, encarregados da eliminação daquelas pessoas julgadas como degeneradas, assumiram um papel semelhante ao dos 'Estrangeiros' na cidade de Bacurau. Estou me referindo a um genocídio racial disfarçado de ciência, onde o racismo está intrinsecamente ligado à noção de raça. O racismo é considerado uma ideologia que hierarquiza a humanidade com base em características físicas que supostamente determinam as qualidades psicológicas, morais e intelectuais das pessoas. Dessa forma, a concepção de raça é uma criação do racismo (MUNANGA, 2004).

É intrigante notar que Moreno, um judeu que imigrou para os Estados Unidos em 1925, chegou ao país durante um período em que as ideias eugênicas supremacistas e o movimento racista da *Ku Klux Klan* estavam em pleno apogeu. No entanto, mesmo diante desse contexto, ele parece ter se mantido distante de uma análise efetiva do marcador de raça em suas pesquisas. Será que ele buscava se proteger? Sentia a necessidade de ser aceito nos espaços hegemônicos

⁶Thomas Robert Malthus, um teórico do século XIX, propôs a "teoria das desigualdades" em seu livro "Ensaio Sobre a População" de 1798. Ele argumentou que a pobreza era resultado do crescimento populacional excedendo a produção de alimentos. Malthus culpava os pobres pela pobreza e sugeriu o controle de natalidade como solução, visando eliminar os menos "dotados". Ele via o Estado como responsável por implementar políticas de controle populacional para os pobres, considerando-os responsáveis por sua própria condição (Goés, 2015)

⁷Francis Galton, fundador da ciência eugênica, propôs teorias sobre hereditariedade e sugeria melhorar a população por meio da seleção das características entre os grupos sociais. Ele dividia as pessoas em dois grupos: não degenerados e degenerados, os bem-sucedidos e os impuros. Galton via a solução para o aprimoramento da sociedade na eliminação dos "degenerados" (Goés, 2015).

⁸Carl Von Linné, conhecido como Lineu, estabeleceu uma hierarquia de valores ao relacionar a cor da pele com características intelectuais e culturais, embora sem comprovação científica (Munanga, 2004).

de produção do conhecimento? Ou talvez estivesse preocupado em garantir sua própria sobrevivência?

Acredito que, embora não tenha se posicionado explicitamente em muitas ocasiões a respeito dos marcadores sociais (raça, gênero, classe, sexualidade), Moreno acabou por expressar seu posicionamento por meio de suas ações políticas na comunidade ao longo de sua vida. É importante analisar cuidadosamente sua história pessoal, já que as escolas de psicodrama geralmente não exploram detalhadamente a biografia de Jacob Levy Moreno, especialmente no que diz respeito à geopolítica, história, racismo e antissemitismo. Esses aspectos são fundamentais para compreender melhor o contexto em que Moreno viveu e como essas micro e macropolíticas podem ter influenciado ou limitado suas ideias e práticas. Lembremos que o criador do psicodrama tem uma matriz sociocultural histórica e ancestral (VOMERO e NERY, 2023) de muito sofrimento, perdas e fugas devido à perseguição contra os judeus. O que faz muito sentido quando Moreno relata:

Nasci (18 de maio de 1889) numa noite tempestuosa a bordo de uma embarcação que navegava o mar Negro, de Bósforos para Constantza, na Romênia. Foi na madrugada do Sagrado Shabat, e o parto aconteceu pouco antes da primeira reza. O fato de eu nascer no navio deveu-se a um erro honroso, e a desculpa foi a de que minha mãe tinha apenas 16 anos e era pouco experiente na matemática da gravidez. Ninguém sabia de onde era a bandeira do navio. Seria ele grego, turco, romeno ou espanhol? O anonimato da bandeira do navio deu início ao anonimato do meu nome e de minha cidadania. Quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial, em 1914, ninguém sabia se eu era turco, grego, romeno, italiano ou espanhol, porque eu não tinha certidão de nascimento. Quando ofereci meus serviços à monarquia austro-húngara, em princípio não me aceitaram porque eu não tinha prova de nacionalidade. Nasci cidadão do mundo, um marinheiro viajando de um mar a outro, de um país a outro, destinado a desembarcar um dia no porto de Nova York (MORENO, 2014, p. 34).

Em 1913, enquanto Moreno concluía seus estudos de medicina na Universidade de Viena, ocorriam, por lá, intensos conflitos provocados por nacionalistas que impediam a entrada de judeus, muitas vezes recorrendo a agressões físicas e até mesmo assassinatos. Sua posição de anonimato, no entanto, lhe permitia realizar intervenções e mediações para tentar cessar o conflito. Moreno descreve essa situação em suas próprias palavras:

Eu era um estranho nas guerras políticas que haviam devastado a universidade. Ninguém realmente me conhecia. Os nacionalistas pensavam que eu era alemão; os judeus achavam que eu era judeu; ninguém realmente sabia [...] (Moreno, 2014, pg. 77).

Durante esse período conturbado, Moreno também se associou ao existencialismo, um movimento filosófico que enfatizava a sacralidade da própria existência. Ele descreveu essa associação como: "O terceiro movimento importante com o qual me associei durante aqueles dias foi o existencialismo. [...] existencialistas salientavam que a própria existência era algo sagrado. Eles já tinham o mundo. Não precisavam conquistá-lo. Sempre que viam a existência ameaçada, procuravam restaurá-la em sua forma nativa, contra invasão dos robôs" (MORENO, 2014, p. 78).

Seria o anonimato uma rota de fuga da morte? Os judeus eram estigmatizados em toda a Europa, e essas representações raciais foram transferidas para os Estados Unidos, onde diversos grupos imigrantes foram avaliados de maneira semelhante. Irlandeses, italianos e judeus nos EUA foram considerados 'raças' inferiores e enfrentaram discriminação e exclusão (JACOBSON, 1998).

Como ressaltado por Marineau (1996) e habilmente escrito por José Fonseca (2021) em seu texto *Exclusão-inclusão na vida e obra de J. L. Moreno*, a permanência do pai do psicodrama na Europa durante os anos 20, especialmente na Áustria, foi extremamente difícil. Segundo Fonseca, ele depositou suas esperanças na América do Norte como um refúgio, mas, de acordo com Moreno, os primeiros anos nos Estados Unidos foram desafiadores; muitas portas fechadas, com ele sempre à beira de retornar à Europa. Era como se se sentisse um estrangeiro em todos os lugares, um clandestino, um sem lugar; um marinheiro viajando de um mar ao outro. Moreno pode não ter vivido sempre migrando como seus antepassados, mas sua matriz social-emocional e ancestral atualizava sua sensação de ser e estar na vida, um 'cidadão do mundo'.

(R)EXISTIR NAS BRECHAS DO IMPOSSÍVEL

Podemos interpretar o anonimato de Moreno, ao criar uma narrativa poética e psicodramática sobre seu nascimento e trajetória de vida, como uma estratégia para escapar das perseguições antissemitas, sem precisar migrar, como fizeram muitos de seus ancestrais. Sua espontaneidade e criatividade ajudaram a evitar o alcance da mira da hegemonia nacionalista. Um clandestino no mundo desde o nascimento e que extraiu das experiências políticas e anônimas da juventude os fios de movimento para tecer uma teoria. A partir da sua realidade poética, costurou o vasto potencial da realidade suplementar (VOMERO, 2024) para construir 'barricadas' e 'dissolver as ficções de poder' (MOMBAÇA, 2023, p. 19) nas bordas dos desvios.

Um corpo-clandestino dramatizando um cidadão do mundo que, ‘sem lenço e sem documento’⁹, confundiu a ordem e atravessou rotas subversivas. Moralmente indesejado, ele ocupou espontaneamente as lacunas da audácia do impossível. Sonhador de novos mundos, resistiu às normas impostas aos grupos marginalizados. Ao nascer clandestino, vestiu-se de si mesmo, de nós, da eterna fantasia onde a alegria transborda o copo da realidade. Clandestinizar-se, não como escolha, mas como ato estético político para lutar, sangrar, resistir e partilhar. A luta é contra “um Estado, uma cultura que produzem e disciplinam corpos, criam saberes, formatam sujeitos” (MERENGUÉ, 2020, p.53). Nas palavras da pesquisadora Jota Mombaça (2023), a verdadeira morte ocorre apenas quando precisamos recriar nossos corpos e vidas.

Na clandestinidade é que o psicodrama emerge no Brasil entre 1948-1950, na luta antirracista com os trabalhos de Guerreiro Ramos, no Rio de Janeiro, ao lado de Abdias Nascimento, no Teatro Experimental do Negro. No entanto, mesmo com suas contribuições importantes, muitos espaços de poder na produção do conhecimento, como as universidades, persistem em nos excluir, ecoando uma realidade frequentemente vivenciada por Moreno ao longo de sua trajetória. Conforme apontado por Bronzeri (2020), a clandestinidade psicodramática é vital e reconhecê-la de outra forma é apequená-la.

A psicologia foi regulamentada como profissão em 1962 e a psicanálise, como abordagem clínica de elite, ganhou destaque rapidamente desde os anos de 1950. De acordo com as contribuições de Motta (2020), fazer parte do grupo psicanalítico era considerado um símbolo de *status* social. O psicodrama, por sua vez, era reconhecido como uma oportunidade de atuação mais arejada e politicamente engajada em um país sob ditadura militar. Um exemplo foi o Vº Congresso Internacional de Psicodrama sobre a teoria e método psicodramático realizado no Masp (SP), em 1970, que reuniu 3000 pessoas, dois anos após a implantação do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Esse ato endureceu a ditadura brasileira, e o Congresso de Psicodrama foi uma manifestação de coragem e resistência. Nesse contexto, o movimento psicodramático desafiou os militares e rompeu com a hegemonia da psicanálise tradicional, trazendo uma nova abordagem e uma sensação de liberdade fresca, que representava a intersubjetividade comunitária, emergindo como um protagonista significativo (MOTTA, 2020).

BRANQUITUDE E SADISMO

⁹ Trecho extraído da canção "Alegria, Alegria" de Caetano Veloso (1967), que se destacou como uma voz de denúncia e resistência durante o período ditatorial brasileiro.

Agora, em 2024, completamos 60 anos desde que o Brasil foi marcado pela tragédia do golpe militar, uma ferida aberta que ainda sangra com os ataques recorrentes direcionados aos corpos gênero-dissidentes e comunidades socialmente estigmatizadas. É nesta encruzilhada entre passado, presente, futuro e resistência que encontramos, no epicentro, o poder da cidade de Bacurau. Dandara, Zumbi, Marighela, Amélia Teles, Brenda Lee, Marielle, ‘Carmelita’, ‘Dona Domingas’ e ‘Lunga’: clandestinas/es/os na forja do Brasil, mas que ascendem como legítimas/os líderes políticas/os quando a máscara colonial é retirada, revelando, assim, a verdadeira face de Abya Yala-Bacurau: resistência, aldeia, quilombo, comunidade e luta popular.

Forasteira: De onde vem esse nome, Bacurau?

Luciene: Um pássaro.

Forasteira: Tipo um passarinho?

Luciene: Um pássaro, maiorzinho.

Forasteira: Tá extinto já?

Luciene: Aqui não... Mas só aparece de noite. Ele é brabo (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 255).

Na cena do filme em que ocorre o diálogo acima, o ‘Forasteiro’ cheira a água que acaba de abrir na mercearia de ‘Luciane’, sempre numa postura superior, enojada e arrogante ao interagir com as/es/os habitantes de Bacurau. Sentem-se “eugenicamente superiores”, protegidos da suposta degeneração daquelas pessoas no que tange os marcadores de raça, classe, sexualidade e gênero. O comportamento do casal de ‘Forasteiros’ no filme evoca uma situação que o diretor Kleber Mendonça Filho compartilhou em suas redes sociais alguns anos atrás. Ele mencionou uma matéria¹⁰ sobre um casal de ciclistas em Itapira-SP, que havia retornado recentemente da Europa e testado positivo para COVID-19, os quais debochavam das medidas de isolamento social. No vídeo compartilhado na internet, o casal ironizava sua própria ‘saúde debilitada’, sugerindo que, como foram ‘excluídos da sociedade’, pretendiam pedalar longas distâncias, de 70 a 80 quilômetros por dia, e ‘levar o coronavírus para o mundo’.

A situação retratada no filme *Bacurau* reflete as experiências cotidianas dos corpos negros, pobres e gênero-dissidentes no Brasil, que enfrentam a opressão resultante de um legado escravagista marcado por invasões e desterritorializações. Essa invenção do Brasil foi impregnada por práticas racistas, misóginas, LGBTfóbicas e pela propagação da ideologia

¹⁰ Casal de vídeo zombando covid-19 diz que era brincadeira de grupo de amigos - <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/22/casal-de-video-zombando-covid-19-diz-que-era-brincadeira-de-grupo-de-amigos.htm>

eugênica, que opera de forma significativa no pensamento social brasileiro, mesmo que de maneira inconsciente (VOMERO, 2024). Durante a pandemia, o discurso negacionista e antivacina do ex-presidente constitui um exemplo claro dessa conserva colonial eugênica na busca por uma suposta seleção dos mais fortes e moralmente mais desejáveis. Essa política de morte, racionalmente operada por Jair Bolsonaro, resultou na perda de milhares de vidas, principalmente das pessoas negras. Segundo o Conselho Nacional de Saúde (2021), as pessoas negras tiveram uma taxa de mortalidade cinco vezes maior, por complicações da COVID-19, em comparação com as pessoas brancas.

Os ‘Forasteiros’, assim como o casal de trilheiros de bike, carregam marcas eugênicas no coinconsciente social que atuam na intersubjetividade, alimentando uma ilusória sensação de superioridade associada à cor da pele branca. Essa distorção na percepção os leva a uma convicção equivocada de que possuem uma condição de saúde e um *status* social superiores aos demais, concedendo-lhes uma sensação de distinção para agir de maneira irresponsável e desrespeitosa. Sentem-se autorizados a propagar ações e piadas sádicas, como foi o caso, desconsiderando completamente o sofrimento das pessoas afetadas pela COVID-19. Além disso, é comum na nossa sociedade a prática do racismo recreativo¹¹, clara evidência de falta de empatia.

Fanon (2020) descreve essa falta de sensibilidade como uma consequência direta da destruição da reciprocidade do reconhecimento hegeliano por conta da nefasta história do colonialismo e do racismo. Segundo o professor Frank B. Wilderson III (2021), o período escravagista não é apenas um evento isolado, mas uma relação dinâmica que persiste além do tempo e do espaço, assim como o colonialismo é uma dinâmica relacional que pode persistir mesmo após a saída do colonizador e trocas de governo, e torna-se, portanto, uma conserva colonial. Ambas as relações são sustentadas por estruturas de violência radicalmente diferentes. A violência contra pessoas negras é particularmente difícil de ser explicada em uma narrativa convencional, “porque a violência em uma narrativa precisa ter uma explicação, um gatilho, um momento contingente que lhe dê sentido. Mas a violência contra os negros não coopera com a narrativa. A explicação sangra além dos atores” (WILDERSON III, 2021, p. 88).

DEISY (para o aparelho) Por que vocês estão fazendo isso?
VOZ TRADUTOR 2 Why are you doing this?
KATE (Agonizando.) I don't... know...

¹¹ O apresentador Ratinho promoveu um episódio de racismo recreativo em uma transmissão nacional no dia 1º de abril de 2024 - <https://www.opovo.com.br/vidaarte/2024/04/03/ratinho-e-acusado-de-racismo-recreativo-ao-constranger-bailarina.html>.

Esse diálogo que ocorre entre a personagem estrangeira, 'Kate', capturada após falhar em sua missão de assassinar 'Damiano', ao encontrar 'Deisy' e 'Damiano', ilustra de forma contundente e trágica as ideias de Wilderson III. A violência carece de sentido, mas parece haver uma espécie de satisfação no psiquismo provocado pela prática do racismo. Os diretores Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles expuseram de maneira explícita esse sadismo inerente à branquitude, seja ela brasileira ou estadunidense, refletindo, mais uma vez, as ideias de Wilderson III no livro 'Afropessimismo'.

A cena que exemplifica o ápice do sadismo, dentre todas, ocorre quando os estrangeiros 'Jake' e 'Julia' são chamados para eliminar um casal de habitantes que está tentando fugir de Bacurau de carro. Utilizando comunicação via satélite, drone e audíofones, são instruídos a impedir que eles deixem a cidade. Os 'Estrangeiros' correm com seus rifles com toda a pressa do mundo para alcançar a altura da estrada onde o casal passará de carro. Ao encontrá-los, 'Julia' e 'Jake' disparam e descarregam suas armas no veículo, numa possível referência ao brutal mandato de assassinato de Marielle e Anderson. A excitação dos 'Estrangeiros' começa quando correm para alcançar seus alvos e atinge seu ponto máximo após o dilaceramento daqueles corpos. Ofegantes, eles terminam o assassinato e celebram com gritos e pulos de alegria pelas mortes conquistadas. A excitação é tanta que 'Julia' convida 'Jake' para transar, e ele prontamente aceita. Deitam-se no chão para consumir aquele orgasmo iminente, enquanto os mortos permanecem como testemunhas silenciosas a poucos metros de distância.

Nas palavras de Wilderson III (2021), o legado escravagista foi marcado por espetáculos de carne negra nua e submissa, com cenas de costas e nádegas sangrando, de marcas de chibata, amputações e rostos aprisionados em bridões de cavalos. Esses indícios destacam o papel do sadismo na formação da subjetividade branca. O sadismo, uma perversão sexual em que a gratificação é obtida pela imposição de dor física ou mental a um objeto amado, não é considerado apenas como uma patologia individual, mas, de acordo com o autor, como uma condição generalizada. Esse prazer, como um elemento da vida comunitária, está intrinsecamente ligado à violência contra as pessoas negras. Foi assim que os 'Estrangeiros' agiram, acreditando estarem livres para incitar violência, pois viam os habitantes de Bacurau como ignorantes e inferiores, despreparados e sem recursos tecnológicos. No entanto, foram surpreendidos ao perceber que a comunidade era altamente organizada e capaz de antecipar seus movimentos, quase sempre um passo à frente da hegemonia.

QUEM SOBREVIVERÁ?

Essa é a pergunta que, segundo Moreno (2008), encontra sua resposta na presença das forças espontâneas e criativas nas pessoas, as quais são fundamentais para enfrentar as adversidades do mundo. No entanto, o próprio Moreno (1998) alerta para as formas de espontaneidade patológica, que distorcem as percepções, dissociam as representações de papéis e interferem na integração nos vários níveis da existência, fenômeno que chamamos de espontaneísmo. Talvez aquilo sobre o que estejamos refletindo até agora seja a disputa entre as forças da espontaneidade versus a do espontaneísmo. Ou melhor, o embate entre o espontaneísmo e a ‘espontaneidade produtiva popular’.

Este último conceito, revisitado por Cunha e Vieira (2023) a partir das ideias de Moreno (2008), busca nomear as forças revolucionárias de um grupo que impulsionam mudanças desafiadoras da ordem estabelecida. Segundo as/os psicodramatistas contemporâneos, Mariana Tornelli e Érico Vieira, as forças espontâneas e criativas da comunidade têm o poder de gerar outras formas de sensibilidade que escapam a compreensão de desprezo proveniente dos preconceitos racistas e classistas. Podemos, assim, identificar esses afetos de desprezo como forças sociométricas de repulsa dirigidas aos grupos populares, o que nos leva a compreender os racismos escravocratas brasileiros como representação de correntes afetivas de repulsa em relação aos pobres e negros, atualizadas pela branquitude e pelas elites (CUNHA e VIEIRA, 2023).

É importante pontuar que não estou adotando uma análise dicotômica entre o bem e o mal. Bacurau está no abismo que separa a moralidade da imoralidade em nossa sociedade. Ele transcende os limites entre o certo e o errado, a vida e a morte. As forças da espontaneidade e do espontaneísmo não atuam apenas externamente, como uma simples disputa entre heróis e vilões; são, também, forças internas que permeiam o inconsciente social, afetando a mim, a você e a nós. Quando Bacurau sai à caça durante a noite, não poupará esforços para garantir sua própria sobrevivência e integridade. Até onde vai a ética da ação espontânea?

É inegável que o espontaneísmo da hegemonia continua ceifando vidas, alimentando a formação de forças policiais¹² cada vez mais letais, direcionadas principalmente contra pessoas negras e pobres. No entanto, a guerra também é interna, pois é em nosso peito que estouram as

¹² PMs agredem jovem negro e pai cadeirante em Piracicaba (SP) e comunidade convoca ato; veja vídeo - <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/02/pms-agridem-jovem-negro-e-pai-cadeirante-em-piracicaba-sp-e-comunidade-convoca-ato-veja-video>

bombas midiáticas que impõem padrões inatingíveis de vida e beleza. Nossos corpos se sobrecarregam em busca de homeostase diante das pressões cotidianas, inclusive na água e no alimento que consumimos, muitas vezes poluída e contaminado. A branquitude escravizou "tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos", como "uma espécie de metástase do pensamento do branco sobre a Terra" (KRENAK, 2019, p.23).

O Brasil "é o que acontece quando a milícia do presidente executa Marielle", "é o que asfixia e mata", "é a chacina" (MOMBAÇA, 2021, p. 16), é a personificação do espontaneísmo; resultante da falta de reciprocidade, do delírio de superioridade e do sadismo descomunal infligido às pessoas indígenas, negras, com deficiência e gênero-dissidentes. Será que Moreno (2008), ao refletir sobre quem sobreviverá como sendo pessoas espontâneas e criativas, tinha consciência de como sua conceituação poderia servir muito mais como um ato de resistência para a sobrevivência de grupos marginalizados? Será que sua teoria foi tecida a partir de suas próprias experiências afetivas?

E quem é 'Carmelita', senão a corporificação, em carne e osso, da espontaneidade produtiva popular? Da mesma forma, 'Lunga'¹³, interpretada por Silvero Pereira, a qual emerge como uma figura heroica, reconhecida por Damiano como alguém cujo valor é mais atribuído ao mal que é capaz de causar do que ao bem. Mas é que sem a influência disruptiva de 'Lunga', Bacurau não teria museu, não teria história para contar, não teria vida. Sem o suposto mal Bacurau viraria pó.

PLÍNIO: Você escreve muito bem, Lunga. Não devia ter parado.

LUNGA: E agora a gente tem um buraco pra cavar (MENDONÇA FILHO, 2019, 01:18:56).

Lunga não fez a escolha de abandonar a escrita; essa decisão foi imposta a ele pelo Estado ao infligir essa morte simbólica. Segundo Mbembe (2018), morte e liberdade estão inexoravelmente entrelaçadas em território de ocupação colonial. O terror ao qual Bacurau está submetida, tão bem elucidado na frase da estrangeira 'Kate' sobre querer 'causar pânico' em seus habitantes com o corte de energia, é uma característica que define, conforme Mbembe (2018, p. 68), tanto os Estados escravistas quanto os regimes coloniais contemporâneos. "Viver

¹³ A personagem Lunga, inicialmente concebida para ser interpretada por uma mulher trans, representa uma figura queer no filme. No entanto, sua identificação com pronomes femininos desafia as convenções binárias de gênero, ampliando assim as fronteiras da representação de identidades não normativas. Para uma discussão mais aprofundada sobre o papel de Lunga, recomenda-se o vídeo da conversa entre Linn da Quebrada e Silvero Pereira, disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=6mxyqtzoOqI>.

sob a ocupação contemporânea é experimentar uma condição permanente de "viver na dor": estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas”.

TERESA: Hoje eu vi dois mortos (MENDONÇA FILHO, 2019, 17:43).

PACOTE: Encontrei os meninos lá em Tarairú na fazenda do Manelito. Mataram todo mundo por lá. Dona Soraia, o filho. Todo mundo. Tô aqui pra pedir ajuda de vocês.

LUNGA: Quem foi que fez isso?

PACOTE: Não sei, Lunga. Mataram sete de ontem pra hoje. Sete. (MENDONÇA FILHO, 2019, 1:11:53)

FORASTEIRA: Ninguém virá de Serra Verde com o bloqueio da estrada (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 267).

NÃO IDENTIFICADO¹⁴

Não encontro outra maneira de me despedir desta escrita senão respeitando o (des)trajeto do filme: pelo começo. ‘Bacurau’ se inicia ao som da voz doce de Gal Costa, refletindo, possivelmente, o desejo romântico e atemporal de Kleber e Juliano de lançarem sua obra ‘no espaço sideral’. Parece-me que essa escolha busca transcender os limites físicos e temporais da realidade colonial, permitindo que sua mensagem, em forma de ‘paixão’, brilhe ‘na noite do céu’ de ‘uma cidade do interior’.

Podemos pensar nesse desejo romântico e atemporal como orientação interna dos diretores – ou será de minha orientação? É o sentido à utopia, a 17 km de distância; se for, vá na paz. É a busca pela coexistência da diversidade, um mundo onde a estrutura política adota uma liderança matricêntrica, representada pela figura de ‘Dona Domingas’, interpretada pela Sônia Braga, que não se coloca como superior aos demais, mas é respeitada como anciã e valorizada por sua sabedoria. Essa organização reconhece a importância de todas as existências na sociedade, entendendo que cada ser desempenha um papel importante na rede social, e que a ausência de qualquer pessoa afeta toda a comunidade. Ainda captando a mensagem dos diretores em forma de ‘paixão’, temos como heroína uma pessoa trans, saudada e reverenciada por todas as pessoas da cidade. Os laços afetivos não são caracterizados como posse de alguém, mesmo

¹⁴ Canção de Gal Costa chamada “Não Identificado”: Eu vou fazer uma canção pra ela / Uma canção singela, brasileira / Para lançar depois do carnaval / Eu vou fazer um iê-iê-iê romântico / Um anti-computador sentimental / Eu vou fazer uma canção de amor / Para gravar num disco voador / Eu vou fazer uma canção de amor / Para gravar num disco voador / Uma canção dizendo tudo a ela / Que ainda estou sozinho, apaixonado / Para lançar no espaço sideral / Minha paixão há de brilhar na noite / No céu de uma cidade do interior / Como um objeto não identificado [...]

assim, a expressão do prazer e do desejo não diminui a qualidade romântica ou amorosa desses vínculos.

O filme é como uma grande serpente que morde o próprio rabo, sem começo, meio e fim. É a utopia e a distopia, de mãos dadas, unidas em um movimento paradoxal. Bacurau é tudo e nada. É como se fosse a representação de um arco-íris em sua forma real, a de círculo (uma imagem que nunca se revela por completa) e, ao mesmo tempo, uma grande ilusão óptica, cuja visualização depende da posição relativa de quem assiste. Nesse espaço, desejado por Kleber e Juliano, a realidade e a fantasia se misturam, criando um universo onde mulheres negras e pessoas LGBTQIA+ são celebradas e honradas como verdadeiras líderes políticas. Há uma ruptura na realidade hegemônica e, nesse diluir de fronteiras, onde se dissolvem as ficções de gênero e de poder, emerge a diversidade como força motriz, tal como no arco-íris; onde mesmo vendo apenas sete cores, sabemos que há infinitas possibilidades além do que os olhos podem captar.

Nesse mundo, o corpo e as relações são valorizados, desafiando os atravessamentos do neoliberalismo na psique humana e em todo o território. É como um ‘anti-computador sentimental’, uma resistência à artificialidade e ao controle das emoções impostos pelo neoliberalismo. Enquanto esse sistema¹⁵ nos empurra para a dormência e o piloto automático, buscando transformar-nos em máquinas eficientes, vemos claramente o combate a essa ideologia em Bacurau. Um exemplo disso é quando ‘Dona Domingas’ alerta a comunidade sobre os perigos dos remédios tarja preta distribuídos pelo prefeito ‘Tony Jr.’:

DOMINGAS: [...] Com a distribuição gratuita de remédio tarja preta sem prescrição médica, quinhentas unidades só hoje aqui em Bacurau. Cada caixa tem dez doses. Como muita gente aqui sabe, o Brazol IV é um inibidor de humor e comportamento forte. [...] Isso é porque não é um remédio de confiança. Essa substância faz mal, vicia e deixa a pessoa lesa (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 249).

‘Domingas’, a líder de Bacurau, reconhece a importância do corpo e das emoções para resistir às políticas de morte e para lutar ativamente pela vida. Nesse cenário de contradições entre utopia e distopia, alegria e tristeza, encontramos tanto a vitória da luta popular quanto a perda de companheiras/es/os que caíram lutando contra os opressores. Quando o vilarejo presta homenagem àquelas/us/es que perderam suas vidas no campo de batalha no qual os ‘Estrangeiros’ transformaram Bacurau, destacam-se os nomes de Marielle Franco, Marisa

¹⁵ Conceito criado pela pesquisadora Viviane Vergueiro (2016) para pensar a cisgeneridade como crítica decolonial.

Letícia e João Pedro, símbolos de resistência e luta por justiça e equidade, que perderam suas vidas lutando no Brasil.

Até o momento, discutimos o direito ao território, ao corpo, a luta antirracista, a política dos afetos, a equidade de gênero e a democratização dos espaços de poder, apontando para um mundo plural onde todas as existências são valorizadas. Kleber e Juliano criaram um ‘iê-iê-iê¹⁶ romântico, um anti-computador sentimental’, que representa a resistência à colonização do corpo e dos afetos. A voz de Gal Costa emerge numa paisagem sonora, seguindo o fio tecido outrora por uma narrativa poética e sensorial. Sua origem e destino são desconhecidos. Esse fio borda vastos espaços de chão de terra, diálogos simples e românticos que, apesar de sua simplicidade, mantêm profundidade, e desenhos sonoros que disputam entre a tranquilidade e o ritmo acelerado. Todos esses elementos revelam as complexidades e contradições da nossa existência.

Em Bacurau, os papéis sociais, frequentemente limitados à esfera imaginária na realidade hegemônica, são atuados e concretizados, como por exemplo o papel político de grande reconhecimento de uma pessoa trans. Talvez seja essa a possibilidade de mundo a que aspiramos, onde o desejo tem importância no sentido da existência. Em ‘bacurês’: buscamos incendiar o mundo-universal para abrir caminho a uma realidade onde se manifeste um ‘iê-iê-iê romântico, um anti-computador sentimental’, um lugar ainda ‘não identificado’, onde possamos ser.

Afinal, destruir esse mundo-universal “é no fundo uma questão de afirmar a maneira de amar, de viver o próprio corpo, o direito de existir no mundo sem medo da violência ou discriminação, de respirar, de se mover, de viver. Por que não gostaríamos que todas as pessoas tivessem essas liberdades fundamentais?” (BUTLER, 2024, p. 15). Eu, você, nós!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. dos R. **O estado policial-securitário e as violências anti-queer no Brasil: A governamentalidade sexual da ditadura civil-militar à redemocratização (1964-1985)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/12042>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

¹⁶ O iê-iê-iê foi um movimento musical brasileiro dos anos 60, inspirado no rock and roll e na jovem guarda. Caracterizado por ritmos românticos e letras simples, teve grande sucesso na época. O termo deriva da dificuldade em pronunciar "yeah yeah yeah" em inglês (Significados de Palavras, 2024).

BOECKEL, C.; NASCIMENTO, R. Uma pessoa negra foi morta pela polícia a cada 4 horas em oito estados do país no ano passado, diz pesquisa. **G1 Rio**, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/16/uma-pessoa-negra-foi-morta-pela-policia-a-cada-4-horas-em-oito-estados-do-pais-no-ano-passado-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BRONZERI, P. P. Do psicodrama aduaneiro às formas fúnebres: em defesa da clandestinidade psicodramática. In: DEDOMENICO, A. M.; MEREGUÉ, D. (Orgs.). **Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política**. São Paulo: Ágora, 2020. p. 185–197.

BUTLER, J. **Quem tem medo de gênero?**. São Paulo: Boitempo, 2024.

CANAL BRASIL. Lunga seria interpretado por Linn da Quebrada? | Transmissão. **YouTube**, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6mxyqtzoOqI>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

CAVAQUINHO, N.; SOARES, É. **É o juízo final**. Homônimo do sambista, 1973. Disponível em: <<https://radiobatuta.ims.com.br/playlists/juizo-final>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

COSTA, G. Gal Costa. **Não identificado**. 1969. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gal-costa/113103/>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CUNHA, M. T. de A.; VIEIRA, É. D. A cidade, palco de tensões e ocupações criativas no espaço: experiências de jovens moradores de periferias. **Rev. Bras. De Psicodrama**, v. 31, e1423, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.616>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FONSECA, J. Exclusão-inclusão na vida e obra de J.L.Moreno. **Rev. Bras. De Psicodrama**, p. 45–60, 2021. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/522>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

GÓES, W. L. **Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro**: a proposta de povo em Renato Kehl. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/810b752b-7876-4f52-b7db-3522af8af093/content>>. Acesso em: 26 mar. 2024.

JACOBSON, M. F. **Whiteness of a different color**: European immigrants and the alchemy of race. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.

MARINEAU, R. F. **Jacob Levy Moreno 1889-1974**: pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Ágora, 1996.

MASSUELA, A.; WEISDISSE, B. O tradutor do pensamento mágico. **Cult**, 2019. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MENDONÇA FILHO, K. **Recife Frio**. Cinemascópio, 2009.

MENDONÇA FILHO, K. **Três roteiros**: bacurau, aquarius, o som ao redor. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

MENDONÇA FILHO, K.; DORNELLES, J. **Bacurau**. Cinemascópio, 2019.

MERENGUÉ, D. Descolonizando o psicodrama: Clínica e política. In: DEDOMENICO, A. M.; MEREGUÉ, D. (Orgs.). **Por uma vida espontânea e criadora**: Psicodrama e política. São Paulo: Ágora, 2020. p. 37–59.

MOMBAÇA, J. **Ñ v nos matar agora**. 2. ed. Encruzilhadas, 2023.

MONCAU, G. PMs agridem jovem negro e pai cadeirante em Piracicaba (SP) e comunidade convoca ato; veja vídeo. **Brasil de Fato**, 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/04/02/pms-agridem-jovem-negro-e-pai-cadeirante-em-piracicaba-sp-e-comunidade-convoca-ato-veja-video>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama. São Paulo: Daimon, 2008.

MORENO, J. L. **Autobiografia**. São Paulo: Ágora, 2014.

MOTTA, J. M. C. 1970: o Congresso que redefiniu o campo do Psicodrama brasileiro. **Rev. Bras. De Psicodrama**, v. 18, n. 2, p. 119–128, 2020. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/134>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MOURA, C. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. **El País**, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

PASSOS, C. Ratinho é acusado de racismo recreativo ao constranger bailarina. **O Povo**, 2024. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/vidaearte/2024/04/03/ratinho-e-acusado-de-racismo-recreativo-ao-constranger-bailarina.html>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SIGNIFICADOS DE PALAVRAS. **Iê-iê-iê**. 2024. Disponível em: <<https://www.significadosdepalavras.com/ie-ie-ie#:~:text=O%20termo%20%22i%C3%AA%2Di%C3%AA%2D,melodia%20cativante%20e%20ritmo%20acelerado.>>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

UOL SAÚDE. Casal de vídeo zombando covid-19 diz que era brincadeira de grupo de amigos. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/22/casal-de-video-zombando-covid-19-diz-que-era-brincadeira-de-grupo-de-amigos.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

VELOSO, C. **Alegria, alegria**. Caetano Veloso, 1967. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/43867/>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M. G.; MOUTINHO, L. (Eds.). **Enlaçando sexualidades**: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 249-270. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

VOMERO, L. S. Z. **Decolonizando o conceito de reconhecimento (eu-tu)**. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 30, e1422, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.576>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

VOMERO, L. de S. Z.; NERY, M. da P. **Uterodrama**: descolonizando corpo e menstruação. Revista Brasileira De Psicodrama, v. 31, 2023. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/597>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

VOMERO, L. de S. Z. **Conserva corporal** – via de acesso para a (des)colonização do coinconsciente. In: NERY, M. da P.; EUTRÓPIO, A. C.; VOMERO, L. de S. Z. (Orgs.). **Sexualidades, corpos e poder: desobediências criadoras**. São Paulo: Ágora, 2024. p. 33-61.